

Após tomo, PIB sobre 4,6% em 2021

Renda per capita e consumo das famílias ficam para trás na retomada

Ao levar em conta o tamanho da população, ainda há retrocesso ante o ano anterior à pandemia

ANÁLISE

Vinicius Torres Freire

SÃO PAULO A economia brasileira recuperou o que perdeu em 2020, ano da recessão da epidemia. Quer dizer, o tamanho da produção ou da renda, do PIB (Produto Interno Bruto), é um pouco maior do que em 2019, 0,56%, para ser preciso. Mas, quando se leva em consideração o tamanho da população, que aumentou, ainda há retrocesso em relação ao ano anterior ao da explosão da Covid.

Isso quer dizer que a renda (PIB) per capita é menor do que em 2019. Pior ainda, o nível de consumo das famílias retrocedeu bem mais —ainda está em um nível similar ao de 2018, que já era ruim. É um dos motivos do mal-estar social piorado —ou melhor, uma explicação em números desse mal-estar.

Essa tristeza já era sentida na carne pela maioria dos brasileiros e já estava insinuada nas estatísticas de salários. A massa de rendimentos do trabalho caiu de 2020 para 2021. Os trabalhos que aparecem são na maioria ruins, inseguros, precários e pagam pouco. A alta da inflação fez o resto do serviço, comendo poder de compra.

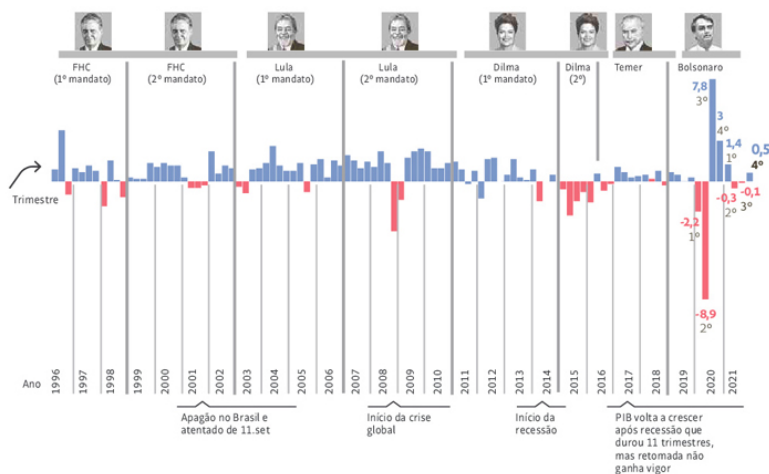
As projeções para este ano não são melhores. Segundo os economistas do Departamento de Pesquisas e Estudos Econômicos do Bradesco, a massa salarial deve cair mais 1%. A taxa de inflação será ainda muito alta até meados do ano (de 9% ao ano), o número de pessoas empregadas vai crescer pouco, e os salários, na média, devem cair mais de 3%.

O crescimento do PIB deve ser lento por causa da alta forte das taxas de juros, incertezas por causa da eleição e, agora, por causa dos efeitos da guerra na Ucrânia.

Nesse ambiente de insegurança, de falta de perspectiva, de juros altos, as empresas devem jogar na retranca, suspendendo investimentos,

Desempenho do PIB no 4º trimestre de 2021

Variação do PIB em relação ao trimestre anterior, em %



Fonte: Série histórica com nova metodologia do IBGE, iniciada em 1996

que foram a fonte de crescimento de 2021.

De positivo, o preço das mercadorias que o Brasil exporta, commodities (cerca de 70% das vendas), está em alta; governos dos estados vão gastar mais (com mais investimento e reajuste de salários de funcionários); o governo cortou imposto sobre a indústria, talvez faça mais algum favor fiscal (subsídio para combustíveis ou outro, com aumento de dívida).

O pessoal do Bradesco, até otimista, na média, prevê alta de 0,5% do PIB neste 2022. Na média das previsões privadas compiladas pelo Banco Central (no Focus), a previsão é de alta de 0,3% do PIB. É praticamente nada; em termos per capita, outro retrocesso.

O PIB cresceu 4,6% em 2021 (caíra 3,9% em 2020). No último trimestre do ano passado, aumentou 0,5% em relação ao trimestre anterior (julho a setembro). Foi até melhor que o

que o de 2013, último ano antes da série de desastres.

Se o consumo das famílias não acompanhou o PIB, de onde veio esse crescimento de 2021?

De investimento, a despesa em novas instalações produtivas, casas, máquinas, equipamentos, softwares. A taxa de investimento em 2021 foi a maior desde 2014, antes do desastre recessivo (taxa de investimento: quanto o PIB foi destinado a aumentar a capacidade produtiva). No entanto, esse número parece um pouco inflado por tecnicidades estatísticas. Ainda assim, não foi fraco.

O PIB cresceu 4,6% em 2021 (caíra 3,9% em 2020). No último trimestre do ano passado, aumentou 0,5% em relação ao trimestre anterior (julho a setembro). Foi até melhor que o

esperado e interrompeu dois trimestres seguidos de queda. Mas não é obviamente, grande coisa (é uma coisinha).

Se, até o final de 2022, a economia continuar produzindo no mesmo ritmo do final de 2021, o PIB será uns 0,3% maior (isto é, o crescimento de 2022 será de 0,3% se não houver crescimento de um trimestre para outro em 2022). Levando em consideração um crescimento de 0,7% da população, quer dizer que por cabeça, na média, vamos empobrecer de novo ou, na prática, ficar mais ou menos na mesma.

É preciso também lembrar que a economia, o PIB, recuperou só o que perdeu em 2020 e mais um tico. Não recuperou o que deixou de crescer no biênio 2020-21. Isto é, o que teria crescido nestes dois anos se

mantida a tendência recente. Como saber "o que teria crescido"? É uma espécie de chute razoável, um chute informado. Depois da grande recessão de 2015-2016, a economia crescia cerca de 1,5% ao ano até a epidemia. Era pouco, mas bem melhor do que mais uma recessão horrível. Em suma, o saldo da queda de 2020 e da recuperação de 2021 ainda é negativo —o PIB poderia estar pelo menos 2,5% maior do que era em 2019.

Caso o PIB passe a crescer 2,5% ao ano a partir de 2023, apenas em 2027 a renda per capita voltaria ao nível de 2013. É um desastre inédito na história da República. Para que seja atenuado, seria preciso haver mudanças muito profundas e rápidas na economia brasileira. A disposição para tal revolução não parece à vista.

Projeções foram de 3% a 5,3% ao longo do ano, sob reflexo da Covid

SÃO PAULO E RIO DE JANEIRO As projeções para o crescimento da economia brasileira no segundo ano da pandemia variaram de 3% a 5,3% ao longo de 2021. O PIB avançou 4,6%.

Os números do mercado não são muito diferentes das projeções do Ministério da Economia, que foram de 3,2% a 5,3%. As do Banco Central, de 3,8% a 4,7%.

O mais recente relatório Focus, do BC, apontou crescimento de 4,5%.

No início do ano passado, economistas consultados no Focus projetavam crescimento de 3,5% para 2021.

Esse número foi sendo reduzido até abril, quando chegou ao patamar mais baixo do ano diante de uma piora na crise sanitária que provocou novas restrições de circulação.

A chamada segunda onda, no entanto, teve impacto maior do ponto de vista da saúde, mas menor na economia. Com isso, as previsões para o PIB do ano começaram a melhorar e chegaram ao ponto mais alto em agosto.

Quando ficou claro que a economia havia parado de crescer e que a inflação em alta demandaria mais aumentos de juros, elas voltaram a piorar.

Além disso, o governo federal e o Congresso decidiram romper o teto de gastos para aumentar despesas.

Para 2022, as projeções no começo do ano passado estavam em 2,5% de crescimento. Desde março estão sendo reduzidas e se encontram atualmente em 0,3%.

Erros de projeção se tornaram mais frequentes durante a pandemia. A crise sanitária provocou gargalos de fornecimento, alterações de preços de insumos e mudanças nas cestas e nos padrões de consumo. Essas mudanças colocam em xeque os modelos de projeções utilizados por economistas e autoridades públicas. Eduardo Cucleo e Leonardo Vieceli

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Economia Caderno: A Pagina: 20